

# Erotismo e Libertação

Fabiana Vieira da Costa

**Resumo:** A partir dos artigos *Os usos do erótico: o erótico como poder* de Audre Lorde, *O amor como prática da liberdade* de bell hooks e da obra **Eros e Civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud** de Herbert Marcuse, o nosso intuito é refletir sobre o erotismo como uma fonte de resistência. Queremos trazer Eros como a potencialização da vida, uma declaração da força vital que, a partir da experiência interior de liberdade, nos possibilita (como numa práxis coletiva) a manifestação da negação das imposições exteriores e o nascer do desejo de transformação social que rompe com a dominação e opressão caminhado para a libertação.

Palavras-chave: Lorde, hooks, Marcuse, Erotismo, Libertação.

**Abstract:** From the articles *The uses of the erotic: the erotic as power* by Audre Lorde, *Love as a practice of freedom* by bell hooks and the work **Eros and Civilization: a philosophical interpretation of Freud's thought** by Herbert Marcuse, our aim is to reflect on eroticism as a source of resistance. We want to bring Eros as the potentialization of life, a declaration of the vital force that, from the inner experience of freedom, allows us (as in a collective praxis) to manifest the negation of external impositions and the birth of the desire for social transformation that breaks with domination and oppression walk to liberation.

Key words: Lorde, hooks, Marcuse, Eroticism, Liberation.

## Introdução

Era uma vez Eros... Cantando em prosa e verso, proteiforme, obscuro, mágico, audacioso, encantador, *mythóploks*, tecelão de mitos. Amor, desejo de união, pulsão de vida, são alguns de seus véus. Sobre os mitos e os conceitos, (...) [alguns] fragmentos de sua própria história, estilhaços narrativos e duma existência ora sublime, ora vulgar, cuja a abundância e lacuna desafiam a experiência, [e] não cabem inteiramente no discurso, escapam às garras da lógica e eternizam-se no fluxo dos textos que a trazem à tona. (KANGUSSU, 2017, P. 11).

Queremos aqui pensar o erotismo como fonte de resistência e libertação, desse modo, nossa percepção compreende que o erótico nos possibilita linhas de investigação, de relação entre o corpo e o erotismo, entre o amor e a política.

Para essa reflexão vamos trazer à baila os pensamentos desenvolvidos por Audre Lorde, bell hooks e Herbert Marcuse, fazendo o reconhecimento do quanto o erótico e seu poder de atuação em nossas vidas possibilita o emergir do desejo de resistência frente a opressão e a favor da liberdade, pois:

A própria palavra erótico vem do grego eros, a personificação do amor em todos seus aspectos – nascido do Caos, e personificando o poder criativo e a harmonia. Então, quando falo do erótico, o estou pronunciando como uma declaração da força vital (...), daquela energia criativa fortalecida, cujo conhecimento e uso estamos agora retomando em nossa linguagem, nossa história, nosso dançar, nosso amar, nosso trabalho, nossas vidas. (LORDE, 2009).

Por esse motivo, nosso intuito é trazer para o centro a reflexão sobre o desejo de transformações genuínas que vão além das ‘falsas’ mudanças que em detrimento de alguns grupos galgam a liberdade de outros. A nossa defesa se dá pela percepção de que as teorias críticas desenvolvidas por Lorde, hooks e Marcuse se relacionam na medida em que caracterizam o modo pelo qual podemos compreender Eros (o erótico e o erotismo) como um desejo, como a petição em prol da liberdade individual e da libertação coletiva.<sup>1</sup>

### **Marcuse: erotismo e o desejo de liberdade**

Herbert Marcuse em sua obra *Eros e civilização* quer pensar os efeitos da segunda guerra sobre a cultura e a civilização questionando: o que acontece com o processo de repressão das pulsões sexuais, amorosas e agressivas numa sociedade que necessita da mais-repressão para produzir?

---

<sup>1</sup> Cabe salientar que as citações realizadas em referência aos artigos de Audre Lorde e bell hooks não possuem a página que ocupam nesses textos, pois a tradução dos mesmos não faz uso de paginação e ambas estão disponíveis nos links que aparecem na bibliografia.

Sua articulação entre as pulsões individuais e a ordem social, donde o erotismo e a sociedade capitalista assumem-se numa articulação de afetos, busca pela canalização de uma forma ‘menos’ repressiva das pulsões. Marcuse escreve no tempo de ‘uma nova era’ que tem em seu horizonte a libertação sexual, social e dos países colonizados colocando em questão as formas tradicionais de considerar a moral sexual, os afetos e o erotismo.

Ao construir sua análise da sociedade Marcuse a percebe como uma obra de arte, estruturando uma relação não hierárquica entre a razão e a sensibilidade, propondo uma harmonia entre Logos e Eros, pois em suas palavras: “os sentidos são não só a base da constituição epistemológica da realidade, mas também da sua transformação, sua subversão, no interesse da libertação.” (MARCUSE, 1973, P. 74).

A liberdade individual é uma conquista que compõe o processo social, histórico e, por assim ser, não é independente das relações econômicas, de gênero as quais se inscrevem, mostrando que o erotismo se relaciona com a temporalidade. Noutras palavras, o pulsar, em sua condição *a priori* é historicamente transformado e, também, é transformador, possibilitando as transmutações que se organizam pela cognição e que, em seu movimento, modifica-se historicamente.

Explico. Aquilo que primeiro existe é o pulsar, noutras palavras, as pulsões são aquilo que movem o humano e, a expansão e a retração desse pulsar emergem do movimento de Eros e Thanatos. A pulsão erótica, de expansão, é aquela que não se submete às estruturas que lhes são externas, assim sua organização mostra-se solitária e comunitária opondo-se à (auto)destrutiva, repressiva e competitiva.

Para Marcuse, a experiência distinta que proporcionaria ao indivíduo a percepção dessa ausência de liberdade e, concomitantemente, do mais alto grau de libertação que propiciaria o desejo de transformação dar-se-ia por meio da experiência estética. A arte, em sua dimensão política, na teoria marcuseana, tem sua potência em transcender as relações existentes, pois essa preserva sua alteridade frente à realidade em curso por meio da forma estética. Por ser a negação, a alienação, o estranhamento à realidade e à política ela torna possível aos sujeitos uma experiência sensível e psíquica que amplia os horizontes, pois ela é a experiência alienada em relação ao *establishment*, uma experiência de transformação.

O enfraquecimento progressivo de Eros, a cisão civilizada do progresso, do trabalho, da ‘lei e ordem’ e, também, do sentimento de culpa e da agressividade têm

origem na organização das sociedades modernas que possuem a dominação como fundamental para o progresso da civilização e da aculturação como sofisticação das formas de repressão. A *Ananke*, a luta consciente pela existência, configura-se na imposição dos “controles repressivos dos instintos sexuais (...) [e na] transformação do instinto de morte em agressão e moralidade socialmente úteis.” (MARCUSE, 1981, P. 70).

Para Marcuse essa configuração “não é ‘inerente’ à luta pela existência, mas tão-somente à sua organização opressiva (...), portanto, essa natureza está sujeita a mudança, se as condições fundamentais que foram causa dos instintos adquirirem tal natureza tiverem também mudado.” (Idem, P. 130). O desenvolvimento técnico e científico no presente estágio é suficiente para a superação da *Ananke*, a historicidade das pulsões e a contingência do princípio de realidade dão forma a possibilidade de uma civilização não-repressiva e essa “tem de ser teoricamente validada, primeiro, demonstrando-se a possibilidade do desenvolvimento não-repressivo da libido, nas condições da civilização.” (Idem, P. 131).

Assim, a cultura não-repressiva aconteceria só, somente só, se os instintos sexuais por meio de sua dinâmica própria e a partir de condições sociais e de existência outras, possibilitarem relações eróticas entre os sujeitos. Explico melhor; o princípio de realidade dominante, na percepção de Marcuse, estaria em enorme risco caso a libertação de Eros acontecesse, pois, uma vez liberta a libido vai além das fronteiras institucionalizadas que a reprimem pela via da primazia genital.

A libertação da energia erótica e não apenas sexual (...) se manifestaria no declínio de agressivas, destrutivas, heterônomas necessidades e satisfações. (...) a necessidade pulsional de privacidade, de tranquilidade, de tendência, de solidariedade, de paz, de fato ganha ascendência além das pulsões destrutivas e competitivas. Pois as pulsões eróticas são verdadeiramente pulsões de vida, prevalecendo sobre a destrutividade e a agressão, prevalecendo sobre a crueldade e a violência e buscando a criação de um ambiente verdadeiramente pacífico e humano. (MARCUSE, 2001, P. 90).

### **Lorde: o erótico e o poder**

Audre Lorde em seu artigo *Os usos do erótico* nos mostra o modo como no caso de nós mulheres (principalmente as mulheres negras), para perpetuar toda opressão, o

erótico a “fonte de poder e informação em nossas vidas” (LORDE, 2009) foi corrompido, distorcido e oprimido no apagamento da energia da mudança.

O erótico é, para a pensadora, um recurso que habita o interior, firmado num plano profundamente espiritual e feminino. Ele é o nutriente que embala a nossa sabedoria, pois é aquilo que impulsiona a nossa vitalidade, a força vital que nos habita e está sempre em movimento.

Lorde nos ensina que o modo pelo qual as sociedades ocidentais desvalorizam o recurso do erótico dando ênfase a sua superficialidade que dá corpo ao símbolo da inferioridade feminina e, também, à indução do sentimento de desconfiança e desvalorização da sua existência, nos direciona a construção da falsa percepção que só a supressão do erótico em nós possibilita a nossa força que no ‘mundo civilizado’ é reconhecida, permitida e maquiada por um modelo masculino de poder.

Noutras palavras, o erótico é “difamado pelos homens e usado contra as mulheres” (LORDE, 2009), pois esse é percebido como algo trivial, confuso e plastificado, o que nos afasta da sua fonte de poder e informação, tornando-o pornográfico, o seu oposto.

O erótico é um lugar entre a incipiente consciência de nosso próprio ser e o caos de nossos sentimentos mais fortes. É um sensoíntimo de satisfação ao qual, uma vez que o tenhamos vivido, sabemos que podemos almejar. Porque uma vez tendo vivido a completude dessa profundidade de sentimento e reconhecido seu poder, não podemos, por nossa honra e respeito próprio, exigir menos que isso de nós mesmas. (LORDE, 2009).

A pensadora salienta que a coisa mais horrenda de todo sistema é definir o que é bom ou não pautado no lucro acima das necessidades humanas, ou conferir o caráter de necessidade àquilo que exclui os componentes emocionais e psíquicos, ou seja, o maior horror da realidade em curso é a privação do nosso poder e valor erótico, pois esse toma para si a plenitude, o interesse da vida indo contra a redução do trabalho em necessidade.

A redução do trabalho em necessidade traz para a cena a perspectiva que esse toma todas as camadas da vida, algo que nos diz: ou cuidamos de nós e de quem amamos ou ‘ganhamos o pão’. Essa perspectiva nos faz compreender que as necessidades do capital tornaram as vidas mecanizadas, fazendo com que as necessidades do sistema suprimam as

necessidades dos sujeitos e “isso é o mesmo que cegar uma pintora e dizer a ela que melhore sua obra, e ainda que goste de pintar. Isso não é só perto do impossível, é também, profundamente, cruel.” (LORDE, 2009).

O erótico, para a autora, se dá de diversos modos, a partir do rebelar-se conta aquilo que lhe é imposto (a resignação, o desespero, o auto-aniquilamento, a depressão, a auto-negação). Desse modo ele aparece no pintar a cerca, na escrita de um poema ou no embaralhar-se ao corpo da pessoa amada. E, a nossa falta de conhecimento sobre o erótico é, em sua percepção, o resultado da separação posta entre o político e o espiritual, visto que esse é o que nos conecta as expressões emocionais, físicas, psíquicas – o nosso interior forte, profundo a ser compartilhado -, o amor, a paixão, o sensual em suas mais profundas percepções.

O erótico é esse cerne dentro de mim. Quando liberado de seu invólucro intenso e construtor, ele flui através de minha vida, colorindo-a com o tipo de energia que amplia e sensibiliza e fortalece toda minha experiência (...) quando vivemos longe daquelas trilhas eróticas de dentro de nós mesmas, então nossas vidas estão limitadas pelas formas externas e alheias, e nós nos conformamos com as necessidades de uma estrutura que não é baseada na necessidade humana, e muito menos nas individuais. Mas quando começamos a viver desde dentro pra fora, conectadas ao poder do erótico dentro de nós [permitimos] que esse poder preencha e inspire nossas formas de atuar com o mundo que nos rodeia. (LORDE, 2009).

Assim, Audre Lorde, salienta a necessidade de compartilhamento do sentimento do erótico quando identificado, pois sentir todos os aspectos da vida faz com que comecemos a desejar que nós e todas as pessoas ao nosso redor estejamos em sintonia com a plenitude que fomos e somos capazes de viver, o que nos direciona ao exame dos termos relativos e significativos à nossas vidas.

### **hooks: amor e liberdade**

bell hooks no artigo *O amor como prática da liberdade* nos mostra que ao optarmos pelo amor optamos também por viver em comunidade o que traz à cena a percepção de que não temos de mudar só a nós mesmas, mas a afirmação do diálogo com

companheiros e companheiras. Apontando, assim, a emergência de uma ética do amor que quebraria o desejo autocentrado por mudança.

Para hooks, o modo como nos movemos contra a dominação acontece exclusivamente quando somos diretamente ameaçadas pela dominação e subjugação, o que caracteriza o anseio pelo fim do sentimento individual de dor, mas não o desejo de transformação coletiva da sociedade em prol do fim da política de dominação e opressão.

A pensadora nos mostra que nos é necessária a aceitação e o reconhecimento da “natureza interconectada e interdependente dos sistemas de dominação e (...) [também das] formas específicas de manutenção de cada sistema, [pois se assim não for] continuaremos a agir de forma a minar nossa busca individual por liberdade e nossa luta por libertação coletiva.” (HOOKS, 2019).

A teórica e ativista, nos mostra como longe da ética do amor, as aspirações radicais são assimiladas pelos sistemas de dominação, pois quando resistem bravamente sobre uma forma de opressão e apoiam sistematicamente outra, deixam explícito o modo como nos mantemos enlaçadas ao *status quo*, agindo em concordância com ele na manutenção da dominação e opressão da realidade em curso.

A ética do amor compreende que “numa visão de descolonização (...) [essa possibilitaria] a erradicação do auto-ódio negro” (HOOKS, 2006), pois a ausência de espaços donde a dor vivida e angústia seriam manifestos causou a reconciliação do sofrimento compartilhado que fora mantido infiltrado e suprimido mesmo no centro da luta de resistência. Para a autora

a recusa em sentir tem um preço alto. Não só há um empobrecimento da nossa vida emocional e sensorial... Mas esse entorpecimento psíquico também impede nossa capacidade de processar e responder às informações. A energia gasta em empurrar para baixo o desespero é desviada de usos mais criativos, esgotando a resiliência e a imaginação necessárias para novas visões e estratégias. (HOOKS, 2019, citando MACY, Joanna em “Despair Work”. In: *World as Lover, World as Self*).

Assim, a cultura da dominação é anti-amor, pois essa exige a violência, a opressão, a subjugação como formas de manter-se, desse modo, a petição pelo amor atua em oposição aos valores estruturais e predominantes da cultura que transforma as pessoas

em incapazes de amar (aos outros e principalmente a si mesma) por não conhecerem o amor, visto que o mundo do consumo regido pelo capital compreende que esse é um negócio, uma máquina de necessidades que nega os valores humanos e cultuam o material.

Todo mundo na nossa cultura deseja, até certo ponto, ser amoroso, mas muitas/os não são de fato amorosas/os. Concluo, portanto, que o desejo de amar não é, em si mesmo, amor. O amor é o que o amor faz. O amor é um ato de vontade — ou seja, uma intenção e uma ação. Também implica uma escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar. (HOOKS, 2019, citando PECK, Scott M. em *The Road Less Traveled*).

A escolha do amor em negação ao auto-ódio e como o fundamento ético para uma política não opressiva e de dominação começa com a prática de amar que, para hooks, é “onde a educação para a consciência crítica deve entrar” (HOOKS, 2019). Dito de outro modo, a autora pensa a educação libertadora como uma práxis coletiva, donde todos semeiam juntos, firmando a necessidade de ensinar de um jeito que transforma a consciência criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação verdadeiramente libertadora e do filosofar verdadeiramente libertador.

O empobrecimento do espírito, a falta de partilha e de amor vivenciados socialmente pelos corpos marginalizados, negros e não-brancos serão recuperados. Para autora, é a consciência crítica que atuará ativamente no processo de descolonização de auto recuperação política e pessoal, pois aprender e compreender o processo dos sistemas de dominação, sabendo sobre suas verdades, faz com que os grupos oprimidos interroguem, critiquem e coloquem em xeque as posições que lhes foram impostas. Pois, “Movendo inteiramente a dor para o outro lado, encontramos a alegria, a liberdade de espírito trazidas por uma ética do amor.” (HOOKS, 2019)

### Conclusão

A perspectiva aqui trazida pauta-se na defesa de que há uma pulsão orgânica que abriga a vontade de libertação presente em todos os seres humanos e que pode se manifestar como o fundamento para a transformação social. Pois, a execução do desejo de liberdade possibilita a adesão daquilo que é uma sensação (que aparece como ilusão) e



pode revelar-se como verdade, mesmo que apenas na forma do desejo. Desse modo, a transformação que é almejada não é oriunda da ordem social em curso, mas da transmutação da experiência no interior dos sujeitos.

Como vimos as teorias desenvolvidas por Lorde, hooks e Marcuse são movidas pela emergência de composição de uma sociedade outra, distinta da existente. Pois, numa sociedade estruturada sistematicamente pela via do controle rígido dos desejos, das pulsões e necessidades essenciais humanas tem-se a emergência de um novo modo de sentir, de uma nova moralidade que rompa com os padrões e valores em curso e, para tal, é fundamental que, primeiro, aconteça a transformação das subjetividades dos sujeitos que compõem a sociedade e dão forma à realidade.

Desse modo, e sabendo que os ajuizamentos dos sujeitos se dão por meio de sentimento de prazer e desprazer temos o fortalecimento do argumento de que a transformação social, da realidade em curso, pode acontecer, principalmente, por meio da força libertadora interior. Noutras palavras, as pensadoras e o teórico compreendem que a transformação do princípio de realidade em curso têm seu início dentro dos sujeitos, ou seja, ela tem de ser provocada a partir da própria experiência interior de liberdade, visto que o impulso interno, a pulsão, diferente dos impulsos que são gerados externamente ao organismo, não pode ser ignorado (KANGUSSU, 2021, P. 223).

A análise aqui construída sobre a potencialização da vida e sobre os modos de resistência que vê no erótico a fonte da transformação quer somar as desenvolvidas por hooks, Lorde e Marcuse. Nossa percepção defende a possibilidade da identificação em nós dos sentimentos profundos que atuam contra a auto-negação que nos é oferecida socialmente e, que paulatinamente nos propicia a ação, a tomada de atitudes contra a opressão, nos empoderando a partir do interior. Ou seja, defendemos que “Em contato com o erótico, eu me rebelo contra a aceitação do enfraquecimento e de todos os estados de meu ser que não são próprios de mim, que me foram impostos.” (LORDE, 2009).

A nossa reflexão diz sobre a necessidade da experiência interior que foge aos moldes universalizantes e opressores que possibilita as pessoas humanidade, trazendo à tona a resistência a favor da libertação apesar dos esforços colonizantes postos em prática em prol do avanço da civilização. Enfim, reconhecemos do poder do erotismo em nossas vidas e, esse possibilita o pulsar que quer mudanças genuínas, “Pois não só tocamos nossa

fonte mais profundamente criativa, mas fazemos o que é fêmeo e autoafirmativo frente a uma sociedade racista, patriarcal e anti-erótica.” (HOOKS, 2019).

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

HOOKS, bell. O amor como prática da liberdade. Original. Love as the practice of freedom. In: **Outlaw Culture. Resisting Representations**. Nova Iorque: Routledge, 2006, p. 243–250. Tradução para uso didático por Wanderson Flor do Nascimento – Janeiro de 2019 < Disponível em: <https://medium.com/enugbarijo/o-amor-como-a-pr%C3%A1tica-da-liberdade-bell-hooks-bb424f878f8c> data de acesso 10/09/2021 >.

KANGUSSU, Imaculada. **Sobre Eros**. Belo horizonte: Scriptum Livros, 2017.

\_\_\_\_\_. Marcuse and the symbolic roles of the Father: Someone to watch over me. In: MORELOCK, Jeremiah (org.). *How to critique authoritarian populism: Methodologies of the Frankfurt School*. Leiden and Boston: Brill, 2021, p. 220-238.

LORDE, Audre. Os usos do erótico: o erótico como poder. Original. Use of the Erotic: The Erotic as Power, in: LORDE, Audre. **Sister outsider: essays and speeches**. New York: The Crossing Press Feminist Series, 1984. P. 53-59. Tradução feita por Tatiana Nascimento dos Santos – Dezembro de 2009 < Disponível em: <https://peita.me/blogs/news/os-usos-do-erotico-o-erotico-como-poder-por-audre-lorde> data de acesso 10/09/2021 >.

MARCUSE, H. **Eros e civilização**: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud. Tradução de Álvaro Cabral, 8 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

\_\_\_\_\_. **Contra-revolução e revolta**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

\_\_\_\_\_. The Containment of Social Change in Industrial Society. In: KELLNER, D. (Org.) **Towards a Critical Theory of Society: Collected Papers of Herbert Marcuse**, v. 2. London and New York: Routledge, 2001.